

ENSINO DO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Yure Barreto Zanata, Cleidyane Caetano Gaspar Sales, Pábula Nataely Ferreira Correa

yure.zanata@posgrad.ufsc.br, cleidyane.caetano@gmail.com, nataely2015@gmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

III Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2023

Resumo. *O conteúdo da Educação Física Escolar (EFE) vem se modificando ao longo dos anos e, durante a década de 1970, o esporte ganhou impulso. E este cresceu e tem sido conteúdo hegemônico. Portanto, o presente trabalho buscou discutir o papel do esporte enquanto conteúdo da EFE, bem como as propostas metodológicas e pedagógicas disponíveis para seu ensino. Metodologicamente, debruçou-se sobre artigos científicos nacionais da última década bem como em livros que se dedicaram ao ensino e proposta deste conteúdo no âmbito da EFE com vistas em compreender esse fenômeno. Observou-se que algumas correntes educacionais se mostram fortes e perpassam todos esses anos e ora utilizam-se do esporte como legitimação, ora como trato pedagógico. Parece haver uma luta em “domar” esse fenômeno, que foi transformado em conteúdo escolar; então situações como esportivização das aulas de EFE, autoexclusão discente, ausências de sistematização e propostas efetivas tornam-se recorrentes.*

Palavras-Chave. *Educação Física Escolar, Esporte, Metodologia de ensino.*

Abstract. *The content of School Physical Education (SPE) has been changing over the years and, during the 1970s, sports gained momentum. And it grew and has been hegemonic content. Therefore, this work sought to discuss the role of sport as SPE content, as well as the methodological and pedagogical proposals available for its teaching. Methodologically, it focused on national scientific articles from the last decade as well as books dedicated to teaching and proposing this content within the scope of SPE in order to understand this phenomenon. It was observed that some educational currents are strong and permeate all these years and sometimes use sport as legitimation, sometimes as pedagogical treatment. There seems to be a struggle to “tame” this phenomenon, which has been transformed into school content; then situations such as the sportification of SPE classes, student self-exclusion, lack of systematization and effective proposals become recurrent.*

Keywords. *School Physical, Education, Sport, Teaching Methodology*

1. Introdução

No que diz respeito aos conteúdos de Educação Física Escolar (EFE), percebe-se um processo de transformação (MARINHO, 1952; BRACHT, 1999; GOIS JÚNIOR; BATISTA, 2010). Inicialmente denominada *gymnastica* (GOIS JÚNIOR; BATISTA, 2010), o conteúdo era higiene pessoal e fortalecimento físico (MARINHO, 1952; COSTA *et al*, 2014). Em seguida, o conteúdo foi deslocado para ginástica (MARINHO, 1952). Na década de 1970, o esporte passou a ser conteúdo hegemônico (OLIVEIRA, 2012); documentos oficiais (BRASIL, 2018; BRASIL, 1997) e estudos (ROCHA *et al*, 2011; SILVA; SAMPAIO, 2012; MATOS *et al*, 2013; SANTOS *et al*, 2018) confirmam essa hegemonia.

O impulso para o predomínio do esporte, enquanto conteúdo da EFE, deu-se por conta de resultados inexpressivos em Jogos Olímpicos na década de 1970; situação que motivou a ditadura militar brasileira a convocar a escola e seus docentes para melhorar a situação (OLIVEIRA, 2012). Mobilização que culminou no *Esporte para Todos* e na *Campanha Nacional de Esclarecimento Esportivo*. Com isso, o esporte torna-se conteúdo predominante na EFE (MATOS *et al*, 2013) passando a ser contemplado nos eixos curriculares das aulas de EFE, e por vezes sendo o único conteúdo desenvolvido nessas aulas.

Portanto, o objetivo é apresentar uma discussão sobre o esporte enquanto conteúdo nas aulas de EFE, tanto as discussões geradas pela sua introdução nesta disciplina escolar, bem como as metodologias e propostas de ensino neste mesmo contexto. A justificativa deste interesse se dá pela percepção empírica dos autores de que, mesmo predominante, o ensino esportivo na EFE não tem avançado, as metodologias estão ausentes, sugerindo a necessidade de mais pesquisas e proposituras, bem como se repensar/questionar o papel deste fenômeno enquanto conteúdo da EFE.

2. Ensino, pesquisa e as propostas curriculares do esporte na EFE

2.1. O ensino e pesquisa do esporte na escola

Estudo em escola pública (ROCHA *et al*, 2011), 40 estudantes do 6º aos 9º anos foram inquiridos sobre quais atividades eram desenvolvidas nas aulas de EFE, os resultados foram: futsal (30%), vôlei (23%), basquete (20%), handebol (15%), queimada (8%) e peteca (4%). Numa revisão descritiva (SILVA; SAMPAIO, 2012), abrangendo de 1997 até 2010,

investigou-se quais os conteúdos trabalhados nas aulas de EFE no Ensino Fundamental. O esporte figurou como o principal (40% dos estudos encontrados) nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e como exclusivo nos Anos Finais. Na mesma direção, outro levantamento (MATOS *et al*, 2013) versou sobre a produção acadêmica sobre os conteúdos de ensino na EFE, numa base de 14 periódicos científicos brasileiros, entre os anos de 1981 e 2010. Dos trabalhos encontrados, 29% tratavam do esporte, sendo, portanto, o mais investigado. Entre 1981 e 1985 não apresentou publicações sobre os conteúdos de ensino e entre 1986 e 1991 só aparecem sobre o esporte. Outra revisão (SANTOS *et al*, 2018), analisou a produção científica sobre a EFE e as principais áreas de interesse no período de 2006-2017. Dos estudos encontrados e que versavam sobre Práticas Corporais, 37,8% eram sobre esportes, sendo o de maior prevalência. Os autores afirmam que esse interesse está relacionado com uma preocupação da *esportivização* da EFE e com um incentivo à abordagem do esporte pelos educadores. Em conjunto, esses três últimos levantamentos apontam o esporte como temática de maior incidência de investigação no âmbito acadêmico.

Levantamento em 8 periódicos, de 2000 até 2009, num total de 2378 artigos; revelou que apenas 52 versavam sobre a pedagogia do esporte, representando apenas 2,19% do total. E apenas 7% destes 52 artigos investigavam sobre o esporte escolar. Assim o esporte escolar figura de forma discreta dentro da pedagogia do esporte que já possui uma escassez de publicações. Concluem que essa baixa investigação do esporte na EFE é paradoxal, dada a importância deste conteúdo na educação brasileira (RUFINO; DARIDO, 2011). A produção científica sobre metodologias de ensino, dentro da Educação Física, era escassa, segundo revisão sistemática (BRANDL NETO *et al*, 2013). Levantaram trabalhos sobre metodologias de ensino utilizadas na EFE de 2005 até 2010 (SIBRADID e ERIC) e 2000 até 2010 (NUTESE). Os autores concluíram que há poucos estudos sobre a metodologia de ensino em proporção ao volume de publicações sobre a produção de conhecimento na EFE; oscilando entre 4,8% e 17,54%. Este estudo não fez discriminação sobre os conteúdos propostos, portanto não é possível saber quantos eram referentes ao esporte.

Portanto, os estudos apontam o esporte como prevalente tanto na EFE quanto na produção científica especializada. Porém a produção especificamente sobre metodologias de ensino é escassa. Como reflexo, podem ocorrer mais frequentemente situações como a exclusão e autoexclusão nas aulas de EFE (ARAÚJO *et al*, 2019).

2.2. Propostas metodológicas e curriculares

As propostas metodológicas e curriculares do esporte para a EFE guardam relação com a pedagogia do esporte, mas não são sinônimos. É importante esclarecer que o esporte escolar é um dos direcionamentos da pedagogia do esporte. E o esporte, enquanto conteúdo da EFE, pode ser ministrado sob três perspectivas: *educacional*; pautada no *lazer*; e pautada no *rendimento* esportivo (RODRIGUES *et al*, 2012). Em levantamento com 20 docentes de Educação Física de escolas particulares da cidade de Aracaju, 80% utilizavam o voleibol como conteúdo nas aulas de EFE. E dos que ministravam o voleibol em suas aulas, 37,5% o ministravam na perspectiva do lazer, outros 37,5% na perspectiva do rendimento e apenas 25% desses ministravam as aulas sob a perspectiva educacional (RODRIGUES *et al*, 2012).

O ensino do esporte na EFE pode ser classificado em três tipos de práticas: 1. a tradição instalada nas escolas, construída nas décadas de 70/80; 2. a denominada “desinvestimento”, o docente é chamado de “professor rola bola”; 3. quando o docente busca inovar e fugir das anteriores. Os pesquisadores não vincularam essas práticas com nenhuma proposição teórico-metodológica, pois compreendem que são vinculadas às características dos docentes (SILVA; BRACHT, 2012).

Um estudo descritivo propositivo mostrou que os jogos coletivos podem ser agrupados em “famílias” dadas características intrínsecas similares. Propuseram o ensino de modalidades coletivas baseadas nos mesmos princípios, tais como marcar pontos e não sofrer pontos, que cumprimentam a Lógica do Jogo. Outros como a posse da bola ou implemento, a defesa de sua área e a invasão da área adversária. A proposta apresentada foca em elementos organizacionais do jogo e não no padrão de movimento das técnicas motoras. Portanto, apresentam quatro matrizes de jogos para o ensino de modalidades coletivas: 1. Jogos Conceituais; 2. Jogos Conceituais em Ambiente Específico; 3. Jogos Específicos; 4. Jogos Contextuais (SCAGLIA *et al*, 2013). Um estudo propôs (IMPOLCETTO; DARIDO, 2011) sistematização do voleibol. Previa-se 30 aulas ao longo do 6º até o 9º ano. Os conteúdos eram procedimentais e, em menor proporção, conceituais; ficando de fora a conhecimentos atitudinais. Além disso, sua organização na escola segue o mesmo padrão das demais modalidades: escassas proposituras e prática pela prática, com repetição do ensino de gestos técnicos, entre outros, para diversos anos da Educação Básica sem nenhuma hierarquia e/ou progressão dos conteúdos.

Em uma proposta para o atletismo para 7ª série, por ele ser negligenciado muitas vezes, focou-se nos conhecimentos declarativos / cognitivos usando um jogo de “Damas”

como forma de fixar esses conhecimentos (MATTHIESEN *et al*, 2011). Em outra proposta para o atletismo (IORA; MARQUES, 2013), a organização se deu por etapas de tempo aproximado, dada nossa realidade bastante heterogênea da modalidade, mas seguindo uma mesma sequência, e atrelada a abordagem pedagógica Crítico-Emancipatória e Didática Comunicativa. A primeira etapa, é o primeiro contato com a modalidade a ser oferecido entre o 5º e 6º ano. Os estudantes terão experiências com o atletismo por meio de diversas atividades, iniciando pelas corridas, passando pelos saltos e finalizando com os lançamentos e arremessos. O docente deve atentar para que os estudantes explorem seus potenciais nessas atividades.

A segunda etapa, prevista para o 7º ano, os estudantes passarão pelos mesmos tópicos anteriores, porém com problemas a serem enfrentados; a descoberta das soluções reside na melhora da técnica para cada tópico. Na terceira etapa, 8º ano, é iniciada a discussão sobre a técnica, não exatamente seu treinamento. A experiência acumulada dos anos anteriores é material para discutir como é possível melhorar as técnicas. Na quarta e última etapa, 9º ano, atividades como Mini Atletismo e Mini Eventos para que se possa consolidar conhecimentos e práticas (IORA; MARQUES, 2013).

Vinculada à concepção pedagógica da Educação de Corpo-Inteiro, de João Batista Freire, um trabalho (ARRUDA *et al*, 2013) apresentou proposta para o ensino do badminton para o 6º ano. O foco era na reflexão que o aprendiz fará durante a experiência com a modalidade em vez da técnica motora. Iniciando pela roda de conversa e o histórico da modalidade, seguida de uma prática exploratória. Regras e fundamentos foram inseridos paulatinamente ao longo das aulas. E, do meio para o final, algumas orientações táticas também foram inseridas. As últimas aulas foram destinadas a uma revisão reflexiva das experiências que passaram além da realização de um minitorneio (ARRUDA *et al*, 2013).

3. Questões inerentes à inserção do esporte enquanto conteúdo da EFE

3.1. Esportivização das aulas de Educação Física

De forma direta, a *esportivização* das aulas de Educação Física pode ser compreendida como forma ou configuração que visa mudar ou transformar determinada prática corporal em esporte, ou também que uma prática social seja submetida a assumir códigos específicos deste fenômeno (SANTOS *et al*, 2018). Portanto, a *esportivização* das

aulas de EFE implica em profundas alterações, deixando de seguir seus ditames educacionais para reproduzir práticas divergentes das propostas escolares.

Atualmente, há em pauta um paradoxo no qual o trato do esporte, nos moldes da *esportivização* na escola pela Educação Física, para tentar legitimar seu papel enquanto componente curricular. Por outro lado, o esporte, desprovido de transformação didático-pedagógica, visando sua adequação enquanto tema da Cultura Corporal de Movimento, não representaria a mudança que se espera nesse contexto, no qual as propostas de ensino apresentam-se mais inclusivas e pautadas no discente, num ensino mais participativo (MARTINS; PAIXÃO, 2014). Nessa mesma lógica, acredita-se que através das aulas de EFE é possível formar o cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante as novas formas e métodos da cultura corporal, ao aplicar a metodologia do *Sport Education*, os pesquisadores avaliaram ser eficiente adotá-la como ferramenta para colocar o estudante no centro o ensino-aprendizagem, estimulando-os a resolverem seus problemas e tratarem os conflitos inerentes a trabalho em equipe (GINCIENE; MATTHIESEN, 2017).

O esporte é um fenômeno que independe da escola. Sua presença na escola se dá, ou deveria, por meio de um banho pedagógico (COELHO *et al*, 2013). A partir de meados do século XX, o esporte adentrou a porta da escola e fez lar nas aulas de Educação Física (OLIVEIRA, 2012). Começando, assim, um processo de esportivização das aulas de Educação Física Escolar. Diferente das demais disciplinas, o conteúdo esporte dentro da Educação Física precisa pedagogizar sua prática, seu objetivo e metodologia. Propostas que visam a maior participação de todos os estudantes nas aulas que perpassam por situações como autoexclusão, discentes que não desejam dividir a aula com as alunas, o fato de os estudantes não desejarem praticar as atividades de treinamento e sim somente jogar (QUADROS *et al*, 2014). Ou seja, muitas propostas visam a inclusão dos que possuem maiores dificuldades.

A própria sala de aula, leia-se a quadra poliesportiva, e os materiais para a Educação Física sofrem com esse processo de *esportivização*. Para um docente da área, uma sala de aula adequada é uma quadra poliesportiva coberta e, principalmente, com as marcações corretas do *quarteto fantástico*. E os materiais seguem esse mesmo viés, pois são bolas de tamanho oficial, ou seja, do padrão de uso no esporte formal, em competições oficiais e para adultos. A adequação do tamanho, peso, tipo de superfície e composição do material é rara. Em geral, enquanto docente, pedimos para a direção escolar comprar bolas de vôlei de praia para uso no

vôlei de quadra. Estas bolas são mais leves e macias, tornando o contato com essa modalidade uma experiência menos dolorida para os braços e punhos discentes. Neste sentido, há o tensionamento do esporte na escola para diversas direções, como esporte e educação, esporte e saúde, esporte e competição, esporte e inclusão, entre outros (SANTOS e NISTA-PICCOLO, 2011).

3.2. Monocultura do futebol/futsal

Na esportivização das aulas de Educação Física, uma modalidade monopolizou as práticas. Sendo o futebol/futsal enraizado em nossa cultura, ele se transformou em uma “monocultura” dentro desse cenário. Ele figura da seguinte forma: não se transforma em uma sequência de ensino, de exercícios organizados com a finalidade de ensinar, sua forte presença no contexto extracurricular molda, em partes, sua presença nas aulas (FARIA, 2014). Dificuldades ou ausência de sistematização do ensino desta modalidade é recorrente, os discentes resistem ao ensino sistematizado e trazem muitas práticas de outros tempos (recreio escolar) e contextos (rua, clube etc.) e o futebol é produzido predominante na forma de jogo, do jogar (FARIA, 2014). Surgem situações inusitadas, casos em que o docente priva os discentes da prática do futebol em virtude de indisciplina ou outros comportamentos inadequados.

Além do uso de restrições ao futebol como sanção escolar, muitos docentes “entregam os pontos”, passando para a prática do *rola-bola*. Com as evidentes dificuldades de introduzir novas temáticas nas aulas bem como de sistematizar exercícios do futebol, alguns docentes, vendo a motivação intrínseca, cedem a condução da aula prática aos desejos dos discentes, permitindo que pratiquem futebol no tempo integral da aula. Essas situações expõem as tensões entre estudantes e docentes, geradas dentro das aulas de EFE (FARIA, 2014). Porém, é possível encarar essas situações de forma positiva e pedagógica. É um exemplo, um *case* que vem para dentro das aulas de Educação Física, onde docente pode discutir questões de gênero, étnico-raciais, cooperação, equidade entre outras. As tensões criadas em função do futebol nas aulas podem ser tematizadas. São questões nas quais o docente não deve lamentar ocorrer nas aulas, mas usar esse material para tematizar e enfrentar tais problemas. Quando categorizados por modalidade esportiva, o futebol surge em primeiro lugar com mais artigos que as demais modalidades. Portanto, a monocultura do futebol nas aulas de EFE guarda relação até com a produção acadêmica da área, não sendo possível apontar qual causa qual (MATOS *et al*, 2013).

3.3. Lutas é esporte ou não?

Um fato que diferencia as lutas do esporte moderno está na origem. Enquanto o esporte moderno surge como ocupação de tempo ocioso de estudantes em internatos ingleses do século XIX, sendo um desdobramento dos jogos e brincadeiras; as lutas surgem com uma motivação mais utilitária, de defesa e ataque, uma função inerente à sobrevivência humana desde tempos imemoriais. Definido modernamente como *práticas regulamentadas, físicas e de superação*, o esporte pode muito bem abranger algumas lutas, pois estas sofreram processo de *esportivização*, ganharam características de modalidade esportiva, integrando até o programa Olímpico. Apesar disso, geralmente aparecem separados nas propostas curriculares. Essa situação ocorre em decorrência de que: a) existem diferenças importantes entre lutas e esporte, fazendo jus a diferenciação entre ambas; b) se já separadas, as lutas possuem dificuldades de ser ministradas nas aulas de EFE, logo se fossem incorporadas ao esporte enquanto unidade temática praticamente desapareceriam (RUFINO; DARIDO, 2011a).

Portanto, as reflexões que apontam para a cultura corporal de movimento como o conjunto de conhecimentos que devem ser “tematizados” pela EFE, sendo as lutas também parte deste conjunto. A literatura aponta que o docente não precisa ser um atleta dessa modalidade, um(a) lutador(a) e deve compreender que não formará lutadores em suas aulas, pois, aplicar luta como trato pedagógico nas aulas de EFE, deve objetivar que seus estudantes também vivenciam movimentos básicos de cada modalidade para além de conhecer algumas características comuns às lutas, seu contexto histórico e conceitos (ALENCAR *et al*, 2015).

3.4. Alvorecer dos esportes de aventura/radicais

As modalidades esportivas tradicionais têm visto o crescimento de propostas alternativas, que surgem como uma ressignificação do esporte, em contrapartida ao molde do *quarteto fantástico* (NEVES, 2013). Entretanto, a literatura mostra que esta questão é complexa (ALMEIDA; GÁSPARI, 2014), ponderando-se que se entra no rol de atividades específicas que não apresentam uma configuração territorial nítida ou de limites claros, aventura e esportes radicais, por exemplo, parecem ter classificações distintas e requerem conhecimento específico para cada uma delas. Os Esportes de Aventura ainda representam um desafio para o docente, pois levá-los para as aulas de EFE requer espaço e equipamentos

apropriados, e sob um olhar cético da equipe pedagógica com relação a segurança. Outro ponto é a referência à formação dos profissionais, que pode ser uma raiz do “problema” em utilizar os esportes radicais como trato pedagógico, metodologia de aula. Já que nas licenciaturas e bacharelados parece haver uma lacuna quanto ao efetivo aprendizado das diversas modalidades, compreensão dos riscos de cada uma e ainda saber desenvolver o controle desses riscos e a adaptação do espaço escolar para a execução dessa metodologia no dia a dia (ALMEIDA; GÁSPARI, 2014).

Sob análise de teorias da educação, a perspectiva de educação inclusiva, baseada numa participação do estudante e objetivando transcender o reducionismo da prática pela prática, “coloca em xeque” diversas possibilidades e intervenções nas aulas de EFE. Abre um leque de possibilidades e ao mesmo tempo coloca o docente numa posição de total responsabilidade sobre aquilo que propõe. Os limites da prática docente e outras questões pertinentes como o currículo mínimo para a área e a formação inicial tem relação direta com o compromisso com o ser humano e pela responsabilidade profissional (FARIAS; NASCIMENTO, 2016).

O docente que teve uma prática de um esporte de aventura ou radical pode sim ter condições de desempenhar com maestria nas suas aulas de EFE, não podendo ignorar essa relação com a experiência e vivência. E, por envolver experiências e situações práticas, facilita o desenvolvimento de alguns conteúdos, mas “a simples realização dessas práticas não gera, por si mesma, uma sensibilização”. Para isso, toda e qualquer iniciativa de um esporte ou prática nova, que é o caso dos esportes radicais, é necessário considerar os possíveis desafios para concretizar mudanças de atitudes e valores (BERNARDES, 2013).

4. Considerações finais

De forma absoluta, o esporte é o conteúdo mais ministrado na EFE, além disso é o mais investigado, sendo prevalente nas publicações científicas que versam sobre a EFE. Contudo, mesmo sendo muito pesquisado e presente nas aulas, pouco é proposto para que haja um reflexo positivo. E não se trata de pegar modelos de ensino de esporte em contexto extracurricular e simplesmente transplantar para a escola, mas sim de modelos pensados e adequados para os ditames da Educação, para formação cidadã.

Por que não ensinar o esporte nas aulas de EFE como se ensinam em outros contextos? A princípio, parece ser intuitivo incorporar o ensino de esporte que é conduzido em outros locais (clubes, condomínios etc.) e aplicar nas aulas de Educação Física. Se um dos conteúdos da EFE é o esporte, não seria o caso de apenas reproduzir a forma (metodologia) e o conteúdo (sistematização), vinculado nesses espaços não-escolares? É necessário *pedagogizar* o esporte, tornando-o mais lúdico e acessível para todos no contexto da EFE (ARRUDA *et al*, 2013).

Quando analisamos a EFE e seus trâmites legais, ela difere das demais disciplinas no âmbito da escola, muito pelo fato de se distanciar da teoria e enfatizar a prática, conseqüentemente, sendo desvalorizada pelo sistema educacional e pela sociedade. Após a inclusão do esporte no projeto pedagógico da escola, algumas implicações surgiram, como a formação de um currículo mínimo, uma metodologia que pudesse garantir a efetividade pedagógica tanto no currículo quanto na importância para a formação humana dos discentes.

O ensino do esporte na EFE carrega diversas posições que aparentemente se divergem. Diferente de outros tipos de conhecimentos, que podem ser mimetizados no exemplo de um discente que verbaliza uma informação dando a entender que ele detém este conhecimento quando apenas a decorou momentaneamente, as competências esportivas (não só motoras, mas também do saber o que fazer) não podem ser imitadas, mas sim aprendidas. Levando em conta que pode ser uma ferramenta positiva para o desenvolvimento físico, social e emocional dos discentes. Muito sobre a formação, reflete em docentes que ensinam o que vivenciaram das modalidades esportivas, mas esse ensino carece de fundamentos sobre o que exatamente deve-se ensinar. Ensinar técnicas, táticas, fundamentos, regras, e o que mais? A discussão precisa de aprofundamento.

Parece que há muita preocupação com o ensino do esporte no âmbito da EFE. São levantados questionamentos sobre como esse fenômeno deve ser abordado nas aulas bem como o que deve ser focado. E isso se reflete na prevalência de estudos acerca do esporte na Educação Física. Quando o assunto é currículo, é nítido que as diferentes teorias disputam certo poder e desmistificam o pensamento de que há neutralidade ou desinteresse por parte de alguma delas, corroborando para que na atualidade ainda haja uma transição, na qual, traços do velho e do novo se mesclam nas práticas cotidianas. É, portanto, pertinente pensar o esporte nas aulas de EFE é o ensino do jogo, sobre o jogo, pelo jogo ou os três ao mesmo tempo? Esporte na escola e/ou esporte da escola? Como coexistem propostas de esporte na

escola e esporte na Educação Física e como ensinar esse conteúdo a partir do que a literatura tem oferecido como suporte para os professores. Por isso tudo, este ensaio serve como apoio para novas reflexões e pela busca de soluções para lacunas antigas e ainda tão latentes.

5. Referências

ALENCAR, Y.O. *et al.* As lutas no ambiente escolar: uma proposta pedagógica. **R. bras. Ci. e Mov** 2015;23(3):53-63. Disponível em:

<<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/5092>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

ALMEIDA, A. M. de; GÁSPARI, A. F. Esportes radicais, de aventura e de ação: o conteúdo dos ensinos formal e não formal e os desafios de formação e prática do profissional de educação física. **Conexões**, Campinas, SP, v. 12, n. 3, p. 159–168, 2014. DOI: 10.20396/conex.v12i3.2164. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/2164>. Acesso em: 15 out. 2022.

ARAÚJO, E. de A.M. *et al.* de S. A autoexclusão de alunos durante as aulas de educação física do 9º ano em duas escolas da rede municipal de ensino do município de Corumbá/MS. **Coleção Pesquisa em Educação Física** - vol.18, n.2, p. 7-14, 2019 - ISSN: 1981-4313. Disponível em:

<<https://www.fontouraeditora.com.br/periodico/home/viewArticle/1412>>. Acesso em: 24 set. 2021.

ARRUDA, E.P. de S. *et al.* O badminton nas aulas de educação física: um relato de experiência. **Coleção Pesquisa em Educação Física** - Vol. 12, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://fontouraeditora.com.br/periodico/home/viewArticle/1159>>. Acesso em: 07 nov. 2021.

BERNARDES, L. A. (Org.). Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física. São Paulo: Phorte, 2013.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos CEDES**. 1999, v. 19, n. 48, pp. 69-88. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000100005>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

- BRANDL NETO, I. *et al.* de J. Metodologias de ensino utilizadas na educação física escolar: análise da produção de conhecimento. **Pensar a Prática**, [S. l.], v. 16, n. 3, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/18184>>. Acesso em: 03 dez. 2021.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 24 set. 2021.
- COELHO, F. da P. *et al.* FENÔMENO ESPORTIVO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **Coleção Pesquisa em Educação Física** - Vol. 12, n. 2, p. 79-86, 2013. Disponível em: <<https://fontouraeditora.com.br/periodico/home/viewArticle/1155>>. Acesso em: 23 set. 2021.
- COSTA, L.H. da *et al.* O discurso médico e a Educação Física nas escolas (Brasil, século XIX). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. 2014, v. 28, n. 2 pp. 2,73-282. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-55092014000200273>>. Acesso em: 04 out. 2021.
- FARIA, E.L. Quando "rola a bola": reflexões sobre as práticas futebolísticas e a forma escolar nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** [online]. 2014, v. 36, n. 2, pp. 501-513. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-32892014000200015>>. Acesso em: 30 set. 2021.
- FARIAS, G.O., e NASCIMENTO, J., orgs. Educação, saúde e esporte: novos desafios à Educação Física. Ilhéus, BA: Editus, 2016, 349 p. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/23pcw/pdf/farias-9788574554907.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2023.
- GINCIENE, G.; MATTHIESEN S.Q. O MODELO DO *SPORT EDUCATION* NO ENSINO DO ATLETISMO NA ESCOLA. **Movimento** (ESEFID/UFRGS) Porto Alegre, v23,n.2.,p.729-742, 2017. DOI: 10.22456/1982-8918.69788. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/69788>. Acesso em: 15 out. 2022.

GOIS JÚNIOR, E.; BATISTA, J.C.F. (2010). A INTRODUÇÃO DA GYMNASTICA NA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO (1890-1908). **Movimento** (ESEFID/UFRGS), 16(3), 69-85. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/11491>>. Acesso em: 21 mar. 2022.

IORA, J.A.; MARQUES, C.L. O ATLETISMO ESCOLAR: PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO DE AULAS A PARTIR DA PROPOSTA CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA E DIDÁTICA COMUNICATIVA. **Pensar a Prática**, [S. l.], v. 16, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/17178>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

IMPOLCETTO, F.M.; DARIDO, S.C. Sistematização dos conteúdos do voleibol: possibilidades para a Educação Física escolar. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**. 2011;19(2):90-100. Disponível em:

<<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/2773>>. Acesso em: 13 out. 2021.

MARINHO, I. P. **História Geral da Educação Física e dos Desportos no Brasil**. Rio de Janeiro: Cia Brasil Editora, 1952.

MARTINS, V. F.; PAIXÃO, J. A. da. Trato com o conteúdo esporte nas aulas de educação física escolar: do discurso à prática atual. **Conexões**, Campinas, v. 12, p. 18-33, 2014. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/2157>>. Acesso em: 16 out. 2022.

MATOS, J. C. *et al.* A PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE CONTEÚDOS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **Movimento**, Porto Alegre, p. 123-148, abr-jun. 2013. ISSN 1982-8918. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/34213>>. Acesso em: 23 set. 2021.

MATTHIESEN, S.Q. *et al.* O JOGO DE DAMAS COMO UM RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DO ATLETISMO NA ESCOLA. **Coleção Pesquisa em Educação Física** - Vol.10, n.4, 2011 - ISSN: 1981-4313. Disponível em:

<<https://fontouraeditora.com.br/periodico/home/viewArticle/832>>. Acesso em: 07 out. 2021.

NEVES, R.B.P. *et al.* da; Rúgbi na escola?!... perspectivas de uma proposta diversificada, pautada na pedagogia do esporte para a educação física escolar do ensino fundamental, **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 12, n. 4, p. 127-134, 2013. Acesso em: 15 out. 2022.

OLIVEIRA, M. T. de. Esporte e política na ditadura militar brasileira: a criação de um pertencimento nacional esportivo. **Movimento (Porto Alegre)**, Porto Alegre, p. 155-174, out. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/32108>>. Acesso em: 23 set. 2021.

QUADROS, R. B. de *et al.* A prática da cultura esportiva nas aulas de Educação Física. **Motrivivência** v. 26, n. 42, p. 238-249, junho/2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2014v26n42p238>>. Acesso em: 28 set. 2021.

ROCHA, C.C.M. *et al.* EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SEUS CONTEÚDOS: UMA ANÁLISE DO INTERESSE DOS ALUNOS DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. **Coleção Pesquisa em Educação Física - Vol.10, n.4, p.55-60, 2011 - ISSN: 1981-4313**. Disponível em: <<https://fontouraeditora.com.br/periodico/home/viewArticle/824>>. Acesso em: 23 set. 2021.

RODRIGUES, F.P.M. de A. *et al.* Voleibol Escolar: Análise da sua utilização enquanto conteúdo da Educação Física nas escolas particulares de Aracaju/SE. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. 11. p. 125-132, 2012. Disponível em: <<https://fontouraeditora.com.br/periodico/home/viewArticle/1005>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

RUFINO, L.G.B.; DARIDO, S.C. A produção científica em pedagogia do esporte: análise de alguns periódicos nacionais. **Conexões**, Campinas, SP, v. 9, n. 2, p. 130–152, 2011. DOI: 10.20396/conex.v9i2.8637704. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637704>>. Acesso em: 04 out. 2021.

SANTOS, H.J.L. dos *et al.* A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO ACERCA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA. **Coleção Pesquisa em Educação Física - vol.17, n.4, p. 7-16, 2018 - ISSN: 1981-4313**.

Disponível em: <<https://fontouraeditora.com.br/periodico/home/viewArticle/1383>>.

Acesso em: 24 set. 2021.

SANTOS, M.A.G.N. dos; NISTA-PICCOLO, V.L. O esporte e o ensino médio: a visão dos professores de educação física da rede pública. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 65-78, 2011. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16797>>. Acesso em: 01 out. 2021

SCAGLIA, A.J. *et al.* O ENSINO DOS JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS: AS COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS E A LÓGICA DO JOGO EM MEIO AO PROCESSO DE ORGANIZACIONAL SISTÊMICO. **Movimento (Porto Alegre)**, Porto Alegre, p. 227-249, ago. 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/37893>>.
Acesso em: 08 nov. 2021.

SILVA, J.V.P. da; SAMPAIO, T.M.V. Os conteúdos das aulas de educação física no ensino fundamental: o que mostram os estudos? **Revista brasileira de Ciência e Movimento**. 2012;20(2):106-118. Disponível em:

<<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/3007>>. Acesso em: 25 set. 2021.

SILVA, M.S. da; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar. **Revista Kinesis**. Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 75-88, janeiro/junho, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/5718/3394>>. Acesso em: 07 nov. 2021.